

FATORES DESENCADEADORES DE ESTRESSE LABORAL ENTRE ENFERMEIROS DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA: REVISÃO INTEGRATIVA¹

Suelen Gonçalves², Graciela de Brum Palmeiras³

¹ Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade de Passo Fundo (UPF)

² Aluna do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade de Passo Fundo (UPF), 163876@upf.br - Passo Fundo/RS/Brasil

³ Professora Orientadora, Enfermeira Graduada pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Mestra em Envelhecimento Humano pela Universidade de Passo Fundo (UPF), Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Docente do curso de Enfermagem da Universidade de Passo Fundo (UPF), Membro integrante do Grupo de Pesquisa em Gerontecnologia UPF/CNPq, Membro integrante do Grupo de Pesquisa Vivencer UPF/CNPq, Membro integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Gerontogeriatrics, Enfermagem/Saúde e Educação do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande. graciela@upf.br - Passo Fundo/RS/Brasil

RESUMO

Introdução: é necessário um olhar mais amplo para os fatores estressores presentes no setor de urgência e emergência em que o enfermeiro está inserido, uma vez que esses tem impacto direto na saúde física e mental do profissional. **Objetivo:** identificar na literatura os fatores estressores presentes no ambiente laboral do enfermeiro que atua na unidade de urgência e emergência. **Resultados:** fatores relacionados ao estresse ocupacional no setor de urgência e emergência: fatores estressores, consequências do estresse e estratégias de enfrentamento. **Conclusão:** o enfermeiro está exposto a uma série de estressores, relacionados à estrutura organizacional, bem como da clientela atendida, gerando desgaste físico e psíquico significativo, afetando o seu processo de trabalho. Destacou-se também, o papel das instituições de saúde na identificação e redução das fontes de estresse ocupacional, na criação de ações de promoção e proteção à saúde do trabalhador e fortalecimento do uso de estratégias adaptativas frente ao estresse. Palavras-chave: Enfermagem em Emergência; Saúde do Trabalhador; Estresse Ocupacional.

INTRODUÇÃO

A enfermagem é a ciência voltada à prestação do cuidado ao ser humano diante das suas necessidades. O enfermeiro enquanto profissional que está na linha de frente do cuidado e, portanto, em contato direto com o paciente, é um dos profissionais mais afetados pelo esgotamento, fato esse que implica na sua saúde física e mental. O ambiente laboral do enfermeiro o coloca frente a situações extremas de vida e morte exigindo do profissional

a tomada de decisões em meio a constante pressão. Além do manejo do paciente, o profissional, na maioria das vezes, tem de lidar com as dúvidas e angústias dos familiares, que recaem sobre ele (MORAIS; SOUZA; ARAÚJO, 2015).

Entre os ambientes hospitalares que mais geram condições estressoras para o enfermeiro, destaca-se o cenário de urgência e emergência (FORMIGA et al., 2014). Mundialmente os serviços de saúde de urgência e emergência experimentam uma alta demanda de serviços. O número elevado de atendimentos pode levar ao aumento na carga de trabalho do enfermeiro, somado a essa situação tem-se a alta complexidade dos pacientes que se encontram no setor. A exposição crônica a fatores causadores de estresse levam ao desgaste físico e psíquico do profissional, repercutindo na organização do trabalho e na qualidade da assistência prestada (ELDER et al., 2019). Observa-se também que a baixa remuneração do profissional, por vezes, o leva a optar por manter mais de um vínculo empregatício, sendo esta não valorização do trabalho um dos fatores estressores (GARÇON et al., 2019).

É necessário olhar com mais atenção para o enfermeiro que atua nessa área, para que se identifiquem os fatores estressores que permeiam o seu ambiente laboral, pois podem afetar a qualidade da assistência prestada ao paciente e também a sua saúde. O ambiente laboral do enfermeiro que atua no setor de urgência e emergência oferece inúmeros riscos, porém esses podem ser impedidos ou mitigados por meio de medidas de proteção (FREIRE; COSTA, 2016). Esse processo pode se iniciar pela identificação e controle dos fatores de risco para a saúde presentes nos ambientes e as condições de trabalho (BRASIL, 2001). É primordial a criação de planos de ações que possibilitem a identificação precoce dos fatores de risco presentes no setor de urgência e emergência, a fim de garantir a saúde física e mental do enfermeiro (LEITE, 2018).

Diante deste contexto, esta revisão integrativa torna-se relevante, pois há a necessidade de um olhar mais abrangente para os fatores estressores relacionados ao setor de urgência e emergência em que o enfermeiro está inserido, sendo que esses fatores podem ser desde a natureza mais complexa da assistência prestada aos pacientes, até à organização do trabalho. A exposição permanente a esses fatores favorece o detrimento da saúde física e mental desse trabalhador. Realizar uma discussão quanto aos fatores estressores aos quais o enfermeiro está exposto é o primeiro passo para adoção de ações de saúde do trabalhador dentro das instituições. Considerando o exposto, a pergunta que moveu esta pesquisa foi: quais os fatores estressores presentes no ambiente laboral do enfermeiro que atua na urgência e emergência? De que forma esses fatores podem levar ao adoecimento mental deste enfermeiro? Para dar conta de responder essa pergunta, definiram-se os seguintes objetivos: identificar na literatura os fatores estressores presentes no ambiente

laboral do enfermeiro que atua na urgência e emergência e descrever como esses fatores podem levar este profissional ao adoecimento mental.

METODOLOGIA

Para realização do presente estudo, optou-se por uma revisão integrativa da literatura, que consiste na reunião, análise e síntese de resultados de diversas pesquisas publicadas anteriormente de forma independente acerca de um tema específico, de forma sistemática e ordenada, contribuindo para produção de conhecimento e identificação de lacunas a respeito da temática investigada na pesquisa. Para a realização da revisão integrativa foram seguidas seis etapas distintas: a) identificação do tema e elaboração da questão norteadora do estudo; b) estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos (busca na literatura); c) definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados (categorização dos estudos); d) avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa; e) interpretação dos resultados e f) apresentação da revisão (GIL, 2010).

A pesquisa foi realizada por meio de acesso online as bases de dados, entre os meses de março e abril de 2020. As buscas foram realizadas nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS); Base de Dados em Enfermagem (BDENF); Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Realizou-se a busca na LILACS, BDENF e MEDLINE por meio do Portal da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para tanto, utilizou-se a seguinte combinação de descritores, previamente consultados na lista dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), e suas combinações nas línguas portuguesa e inglesa, a saber: (Enfermagem em Emergência OR Emergency Nursing) (Saúde do Trabalhador OR Occupational Health) e (Estresse Ocupacional OR Occupational Stress), utilizando os operadores lógicos booleanos “OR” e “AND” para combinar os termos da pesquisa.

Para constituir a amostra da pesquisa foram selecionados artigos publicados no recorte temporal de 2015 a 2019, disponíveis online na íntegra, nos idiomas de português, espanhol e inglês, que respondessem a pergunta de pesquisa ou estivessem em concordância com os objetivos da pesquisa. Optou-se, como critério de exclusão, pela eliminação dos artigos repetidos em mais de uma base de dados, esses foram contabilizados como apenas um, além de teses e dissertações. A amostra final do estudo foi composta por oito artigos. Elaborou-se, para estruturar os estudos selecionados, um quadro no software Microsoft Office Word 2010 com as seguintes variáveis: ano de publicação; autores; título do artigo; e principais resultados. Analisaram-se criticamente os estudos selecionados para evidenciar os resultados similares ou não similares entre

eles, agrupando-se os dados por meio da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Após sucessivas leituras dos artigos, desenvolveu-se a interpretação e a discussão dos resultados, de acordo com a comparação entre os estudos efetuados. Apresentou-se a revisão do estudo, que consiste na produção do documento que expõe as etapas exploradas para alcançar os resultados, segundo as referências coletadas.

RESULTADOS

Quadro 1 Caracterização dos estudos encontrados na busca na literatura

| Ano de publicação | Autores | Título | Principais Resultados |
|-------------------|---------------------------------|--|--|
| 2015 | Yuwanicha, Sandmarka e Akhavana | Experiências de enfermeiros do departamento de emergência sobre o estresse ocupacional: um estudo qualitativo em um hospital público em Bangkok, Tailândia. | Fatores estressores percebidos pelos profissionais participantes do estudo foram: alta carga de trabalho, situações envolvendo pacientes e familiares, violência, poucas oportunidades para melhorar as habilidades profissionais, baixa renda e relações na equipe de enfermagem. Os efeitos do estresse se manifestaram por meio de alterações físicas, mentais, nas relações familiares, insatisfação no trabalho e qualidade na assistência de enfermagem. |
| 2015 | Lu <i>et al</i> | Estresse ocupacional e estratégias de enfrentamento entre enfermeiros do departamento de emergência da China. | Fontes de estresse ocupacional: carga de trabalho e especificidades do trabalho do enfermeiro. Em relação às estratégias de enfrentamento utilizadas, eram positivas quando os profissionais pensavam no lado positivo da situação, conversavam com amigos e familiares a respeito e continham o sentimento de raiva e frustração, e eram consideradas negativas quando confortavam a si próprio e suprimiam os sentimentos. |
| 2017 | Weigl e Schneider | Associações de características do trabalho, tensão dos funcionários e qualidade de atenção percebida nos departamentos de emergência: um estudo transversal. | Características próprias do ambiente de trabalho no departamento de emergência associadas ao estresse e exaustão emocional, que interferem na auto percepção dos profissionais sobre a qualidade do cuidado prestado: baixo suporte da gerencia e pressão relacionada ao tempo e falta de pessoal. |

| | | | |
|------|--------------------------------|--|---|
| 2017 | Souza, Pessoa Júnior e Miranda | Estresse em serviço de urgência e os desafios para enfermeiros brasileiros e portugueses. | Fatores estressores percebidos pelos profissionais: alta carga de trabalho falta de recursos humanos e materiais, espaço físico inadequado e baixa autonomia. Fatores esses que levaram os profissionais a não prestar o cuidado de forma humanizada como gostariam, levando-os a um sentimento de insatisfação e impotência. |
| 2017 | Rahman, Mumin e Naing | Estressores psicossociais do trabalho, fadiga no trabalho e distúrbios osteomusculares: Comparação entre enfermeiros de emergência e de cuidados intensivos em Hospitais Públicos de Brunei. | Estressores psicossociais, citados pelos profissionais, comuns a ambos os setores: alta carga de trabalho, baixa autonomia de decisão, baixo reconhecimento social e financeiro, violência e <i>bullying</i> . Em relação à fadiga, percebeu-se alta prevalência de fadiga crônica e persistente. Em relação às dores musculoesqueléticas, os resultados apontaram dor no pescoço, ombro, região lombar e região lombar e pé. |
| 2019 | Silva <i>et al</i> | Auto percepção do estresse ocupacional na equipe de enfermagem de um serviço de emergência. | Fatores associados ao estresse mais citados pelos profissionais foram: jornada de trabalho falta de recursos, relacionamento interpessoal, rotinas do setor e alta demanda de pacientes. Em decorrência disso os profissionais apresentaram alterações físicas, cognitivas e emocionais. |
| 2019 | Teixeira <i>et al</i> | Qualidade de vida no trabalho e estresse ocupacional da Enfermagem em unidade de pronto atendimento. | Enfermeiros, em sua maioria (53,3%) apresentaram maior insatisfação com a qualidade de vida no trabalho em comparação às outras categorias. Os fatores estressores mais citados pelos profissionais participantes do estudo foram: ser enfermeira, ter baixo suporte, alta demanda de trabalho e baixo controle. Os resultados mostraram que, existe relação entre a QVT e o estresse ocupacional. |
| 2019 | Santos <i>et al</i> | Estresse Ocupacional: Exposição da Equipe de | Fatores causadores de estresse: sobrecarga de trabalho falta de recursos materiais, dificuldade de relacionamento com pacientes e acompanhantes, a soma desses fatores levou os profissionais a apresentarem alterações físicas, psíquicas e emocionais, |

| | | | |
|--|--|--|--|
| | | Enfermagem de uma Unidade de Emergência. | contribuindo para sensação de diminuição de estímulo para exercer suas funções e sentimento de impotência. |
|--|--|--|--|

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

DISCUSSÃO

O método de análise da revisão integrativa baseou-se na categorização das informações coletadas na amostra final dos artigos. Assim, os dados foram interpretados e agrupados em três categorias para compreensão do fenômeno: fatores estressores, consequências do estresse e estratégias de enfrentamento.

4.1 Fatores estressores

Em relação às causas responsáveis pelo desenvolvimento do quadro de estresse nos profissionais de enfermagem, o trabalho figurou como principal fonte de estresse e esgotamento, seguido da família e de outras causas. Os fatores presentes no ambiente laboral desencadeantes de estresse ocupacional foram: alta carga de trabalho, escassez de recursos humanos e materiais, relacionamento interpessoal, rotinas do setor, pacientes e acompanhantes, baixa remuneração e baixa autonomia no trabalho (LU et al., 2015; SILVA et al., 2019).

A sobrecarga de trabalho é resultado da combinação de uma série de fatores, entre eles: dimensionamento inadequado, quantidade elevada de tarefas a serem realizadas em curto período de tempo, principalmente no que diz respeito à gerência da unidade, carga horária elevada, alto fluxo de pacientes e execução de papel mediador entre médico e paciente. O dimensionamento inadequado, além de sobrecarga de trabalho, tem impacto na qualidade da assistência prestada. Constatou-se que um quantitativo adequado de profissionais foi associado à auto percepção de aumento na qualidade dos cuidados prestados pelos profissionais (SANTOS et al., 2019; WEIGL; SCHNEIDER, 2016; YUWANICH; SANDMARK; AKHAVAN, 2015).

Em relação ao alto fluxo de pacientes no setor, sabe-se que os serviços de pronto atendimento funcionam 24 horas e dentre as suas atribuições, estão a garantia de retaguarda das unidades de atenção básica, a redução da sobrecarga de hospitais e a estabilização dos pacientes críticos para as unidades de atendimento pré-hospitalar móvel. No entanto, os hospitais tornaram-se porta de entrada do sistema de saúde (SOUZA; PESSOA JÚNIOR; MIRANDA, 2017). Verificou-se que enfermeiros que atuam no serviço

de urgência e emergência relataram insatisfação com a baixa resolutividade na atenção primária em saúde (SANTOS et al., 2019). Nesse estudo não foi possível analisar quais fatores são responsáveis pela baixa resolutividade nos serviços de atenção primária, fato esse, que contribui significativamente para superlotação e conseqüentemente aumento na carga de trabalho do profissional. Sugere-se que estudos futuros podem identificar as lacunas existentes quanto à atenção primária, que levam o usuário a adotar os sistemas de média e alta complexidade como porta de entrada no sistema de saúde.

Sobre os relacionamentos interpessoais, sabe-se que em um serviço de saúde o enfermeiro enquanto gestor da unidade precisa dialogar com serviços independentes que não estão sob sua gestão e gerência. As diferenças na organização do trabalho de cada setor podem levar a formação de atritos entre os profissionais (SANTOS et al., 2019). Além disso, dentro da equipe de enfermagem, a diferença de idade e o tempo de experiência dos profissionais é um fator gerador de atritos entre membros da equipe (YUWANICH; SANDMARK; AKHAVAN, 2015).

Em relação às dificuldades de relacionamento com pacientes e acompanhantes, percebe-se que com o avanço nos conceitos de saúde, ocorreu o aumento da exigência e da expectativa dos indivíduos ao procurarem um serviço de saúde. No entanto, quando os sujeitos se deparam com filas, demora no atendimento, superlotação e falta de leitos ocorre à associação dessas adversidades com a assistência prestada pelos profissionais de enfermagem, uma vez que estão na linha de frente do cuidado e, portanto, tem maior contato com os pacientes, implicando na formação de atritos (LU et al., 2015). Observa-se também a falta de conhecimento dos pacientes e acompanhantes sobre o processo de triagem (SANTOS et al., 2019; YUWANICH; SANDMARK; AKHAVAN, 2015). Estudo realizado com enfermeiros do departamento de emergência e de cuidados intensivos mostrou que ameaças de violência, assédio moral e sexual sofridas por eles foram quatro vezes maiores do que as vividas por enfermeiros de cuidados intensivos, comportamentos cometidos em sua maioria por pacientes e acompanhantes (RAHMAN; MUMI; NAING, 2017). Porém, essa diferença pode se dar devido às características clínicas e gravidade dos pacientes internados nas unidades de cuidados intensivos, além do acesso mais restrito a essa unidade.

Outra fonte causadora de estresse para os enfermeiros do departamento de emergência foi o baixo status social, caracterizado pela baixa autonomia no trabalho, devido à hierarquização e organização das equipes, tendo o médico no centro do processo de trabalho, salário inferior comparado a outros departamentos e baixo apoio social proveniente da chefia (LU et al., 2015; SOUZA; JÚNIOR; MIRANDA, 2017; TEIXEIRA et al., 2019; YUWANICH; SANDMARK; AKHAVAN, 2015). No entanto, constatou-se na pesquisa

realizada com enfermeiros do departamento de emergência e de cuidados intensivos que os enfermeiros de emergência tinham apoio social significativamente melhor de seus superiores em comparação com enfermeiros de cuidados intensivos (RAHMAN; MUMI; NAING, 2017).

Os estudos foram realizados em diferentes países, com estruturas organizacionais e políticas de saúde que se diferem. No entanto, foi possível perceber que os fatores estressores se assemelham. Diante disso, percebe-se a necessidade de melhorar as condições de trabalho no setor de urgência e emergência por meio de investimentos em recursos humanos e materiais, fortalecimento do trabalho interdisciplinar, adequação da carga horária, aumento da segurança dos profissionais no local de trabalho e aumento do apoio proveniente da gerência da unidade e da instituição de saúde como um todo. A mitigação das fontes de estresse proporciona um ambiente de trabalho saudável, impactando diretamente na saúde dos enfermeiros que ali atuam, bem como na qualidade da assistência prestada à população.

4.2 Consequências do estresse ocupacional

O estabelecimento do quadro de estresse ocupacional reflete sobre a saúde física e mental do trabalhador, além do impacto nas relações familiares e qualidade da assistência prestada (YUWANICH; SANDMARK; AKHAVAN, 2015). As alterações apresentadas pelos trabalhadores em decorrência do estresse podem se manifestar por meio de alterações físicas, cognitivas, emocionais e comportamentais (SILVA et al., 2019). Os enfermeiros expostos a altas cargas de estresse ocupacional apresentaram estado emocional instável, irritabilidade, agressividade, incapacidade de lidar com emoções de terceiros além da diminuição da qualidade no cuidado prestado, não sendo realizado de forma holística e com maior risco de negligência, diminuição da concentração e precarização das habilidades profissionais, fato esse que implica em falhas no processo de trabalho e absenteísmo, esse último, com alto custo para as instituições de saúde (LU et al., 2015; YUWANICH; SANDMARK; AKHAVAN, 2015).

Em relação à fadiga causada pelo estresse laboral, observou-se que a chance de enfermeiros de emergência experimentarem fadiga foi significativamente maior quando comparada a enfermeiros de cuidados intensivos, sendo 2,5 vezes maior para fadiga aguda, e 2,8 vezes maior para fadiga crônica (RAHMAN; MUMI; NAING, 2017). Enquanto que na exaustão emocional, constatou-se que 53,8% dos enfermeiros que trabalhavam no departamento de emergência apresentaram esse sintoma. No entanto, ao avaliarem todos os grupos de profissionais participantes do estudo, altos escores de exaustão emocional foram percebidos com maior prevalência entre os médicos (WEIGL; SCHNEIDER, 2016).

O estresse ocupacional também foi relacionado à qualidade de vida no trabalho. Revelou-se que profissionais expostos a altos níveis de estresse ocupacional apresentaram maior insatisfação com a qualidade de vida no trabalho. A redução do estresse ocupacional acarretou em consequência da melhora na qualidade de vida no trabalho, tendo repercussão significativa na redução do absenteísmo e melhora na qualidade da assistência prestada (TEIXEIRA et al., 2019). O trabalho no serviço de urgência e emergência é permeado por contradições, pois ao passo que o enfermeiro é agente ativo no processo de promoção, proteção e recuperação da saúde dos indivíduos, seu ambiente de trabalho pode ocasionar efeitos negativos na sua própria saúde física e mental, cujos efeitos têm reflexo na fragilização da assistência prestada ao paciente. Além disso, as falhas no processo de trabalho causadas pela exposição frequente ao estresse laboral geram custos para as instituições de saúde.

É importante ressaltar que, nenhum dos estudos supracitados obtiveram como consequência decorrente do estresse o desenvolvimento da Síndrome de Burnout nos profissionais, no entanto, sabe-se que o estresse laboral, más condições de trabalho e a exaustão emocional são fatores predisponentes para a ocorrência do Burnout. Demonstrando que, enfermeiros que atuam nessa área possuem grande probabilidade de desenvolverem a síndrome, trazendo à luz a necessidade do desenvolvimento de instrumentos que possam avaliar a saúde mental desses trabalhadores, no intuito de identificar, monitorar e resolver precocemente situações que causam o adoecimento mental dos profissionais que atuam nos cenários de urgência e emergência.

4.3 Estratégias de enfrentamento

As estratégias de enfrentamento podem ser definidas como mudanças cognitivas e comportamentais que um indivíduo adota num esforço para gerenciar demandas externas e /ou internas específicas, procurando dominar e/ou minimizar o estresse. O termo Coping pode ser utilizado para definição de estratégias de enfrentamento adaptativas ou construtivas, no entanto, algumas estratégias de enfrentamento também podem ser consideradas não adaptativas (LU et al., 2015).

As estratégias de enfrentamento ao estresse podem ser utilizadas para gestão de situações estressoras no trabalho e situações da vida cotidiana. Verificou-se que as estratégias de enfrentamento foram consideradas adaptativas quando os enfermeiros buscaram o lado positivo da situação, focaram em coisas que são importantes para sua vida, conversaram com familiares, amigos e colegas de trabalho sobre seus sentimentos e administraram sentimentos de raiva, decepção e frustração, e foram consideradas não adaptativas quando os profissionais confortavam a si próprio sem buscar ajuda e

suprimiam os seus sentimentos (LU et al., 2015). Notou-se que características associadas ao uso de estratégias construtivas foram maior tempo de trabalho, habilidades profissionais mais apuradas e apoio da gerencia (LU et al., 2015). No entanto, estudo realizado com enfermeiros do departamento de emergência, identificou que não havia apoio departamental ou organizacional para que os profissionais pudessem lidar com o estresse no trabalho e o atendimento psicológico no setor era destinado somente aos pacientes (YUWANICH; SANDMARK; AKHAVAN, 2015).

Estressores relacionados às organizações de saúde que estão fora do poder de resolução do enfermeiro, mas que afetam sua rotina de trabalho, foram relacionados a estilos de enfrentamento negativos, provocando sentimentos de raiva e insatisfação no profissional. Percebe-se que ao usar estratégias de enfrentamento adaptativas os profissionais aumentam sua capacidade de resolução de problemas e aumentam o controle sobre suas emoções (LU et al., 2015; YUWANICH; SANDMARK; AKHAVAN, 2015).

Ressalta-se que as instituições de saúde, juntamente com a gerência da unidade de urgência e emergência, também tem a responsabilidade de prestar auxílio ao profissional no desenvolvimento de estratégias adaptativas que o preparem para as situações estressantes de seu cotidiano laboral, bem como fornecimento de suporte psicológico, em especial para aqueles profissionais com maiores e mais complexas demandas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aponta que o enfermeiro atuante na unidade de urgência e emergência está exposto a uma série de estressores, que vão desde fatores relacionados à estrutura organizacional do setor e da instituição de saúde como um todo, até a clientela atendida, gerando desgaste físico e psíquico significativo e afetando diretamente o seu processo de trabalho. Destaca-se também o papel das instituições de saúde na identificação e redução das fontes de estresse ocupacional, na criação de ações de promoção e proteção à saúde do trabalhador e no fortalecimento do uso de estratégias de enfrentamento adaptativas. Ressalta-se que os estudos que compuseram essa revisão integrativa foram realizados em instituições de saúde específicas, não podendo haver generalizações dos resultados, por isso é imprescindível o contínuo aprofundamento do conhecimento acerca das relações causais entre o trabalho nos serviços de urgência e emergência e o adoecimento dos profissionais que atuam nestes cenários, bem como a abordagem da temática do estresse ocupacional durante a graduação e nas instituições de saúde, em forma de capacitação e educação continuada.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.

ELDER, E. et al. Emergency clinician perceptions of occupational stressors and coping strategies: A multi-site study. *J. Int Emerg Nurs.*, Canadá, v. 45, n. 1, p. 17-24, jul. 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1755599X19300370?via%3Dihub>. Acesso em: 17 de mar. 2020.

FORMIGA, L. M. F. et al. Atuação dos profissionais de enfermagem no serviço de emergência: um estudo descritivo. *Rev. Enferm. UFPI.*, Teresina, v. 3, n. 1, p. 53-58. jan./mar. 2014. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8817/1/2014_art_lholima.pdf. Acesso em: 17 de mar. 2020.

FREIRE, M. N.; COSTA E. R. Qualidade de vida dos Profissionais de Enfermagem no ambiente de trabalho. *Rev. Enferm. Contemp.*, Salvador, v. 5, n. 1, p. 151-158, jun. 2016. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/issue/view/66>. Acesso em: 17 de mar. 2020.

GARÇON, T. A. F. et al. Fatores desencadeantes de estresse do enfermeiro na unidade de urgência e emergência. *Rev. Enferm. Atual In Derme.*, Rio de Janeiro, v. 87, n. 25, p. 1-5, abr. 2019. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/210/111>. Acesso em: 17 de mar. 2020.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEITE, T. S. A. Estresse Ocupacional em Enfermeiros que atuam na Urgência e Emergência: uma revisão integrativa. *Rev. Humanid. Inov.*, Tocantins, v. 5, n. 11, p. 268-276, dez. 2018. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/919>. Acesso em: 19 de mar. 2020

LU, D-M. et al. Occupational Stress and Coping Strategies Among Emergency Department Nurses of China. *J. Arch. Psychiat. Nurs.*, Oxford, v. 29, n. 4, p. 208-212, ago. 2015. Disponível em: [https://www.psychiatricnursing.org/article/S0883-9417\(14\)00173-3/fulltext](https://www.psychiatricnursing.org/article/S0883-9417(14)00173-3/fulltext). Acesso em: 29 de mar. de 2020.

MORAIS, I. S.; SOUZA, N. L. S. A.; ARAÚJO, C. L. O. Verificar o nível de estresse dos profissionais de Enfermagem em um Pronto Atendimento de uma cidade do Vale do Paraíba. *Rev. REENVAP.*, São Paulo, v. 1, n. 8, p. 117-130, ago./dez. 2015. Disponível

em: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/REENVAP/article/view/42/31>. Acesso em: 13 de mar. 2020.

RAHMAN, H. A.; ABDUL-MUMIN, K.; NAING, L. Psychosocial Work Stressors, Work Fatigue, and Musculoskeletal Disorders: Comparison between Emergency and Critical Care Nurses in Brunei Public Hospitals. *Rev. Asian Nurs. Res.*, Coreia do Sul, v. 11, n. 1, p. 13-18, fev. 2017. Disponível em: [https://www.asiannursingresearch.com/article/S19761317\(17\)30071-3/fulltext](https://www.asiannursingresearch.com/article/S19761317(17)30071-3/fulltext). Acesso em: 07 de abr. 2020.

SANTOS, J. N. M. O. et al. Estresse Ocupacional: Exposição da Equipe de Enfermagem de uma Unidade de Emergência. *Rev. Fundam. Care. Online.*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 455- 463, jan. 2019. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/6386/pdf>. Acesso em: 29 de mar. 2020.

SILVA, P. N. et al. Autopercepção do estresse ocupacional na equipe de enfermagem de um serviço de emergência. *J. Health NPEPS.*, Mato Grosso, v. 4, n. 2, p. 357-369, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/3696/3365>. Acesso em: 29 de mar. 2020.

SOUZA, J. D.; PESSOA JÚNIOR, J. M.; MIRANDA, F. A. N. Estresse em serviço de urgência e os desafios para enfermeiros brasileiros e portugueses. *Rev. Enf. Ref.*, Coimbra, v. 4, n. 12, p. 107-116, mar. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ref/vserlVn12/serlVn12a12.pdf>. Acesso em: 09 de abr. 2020.

SOUZA, M. T; SILVA, M. D; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Rev. Einstein.*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, mar. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf. Acesso em: 20 de mar. 2020.

TEIXEIRA, G. S. et al. Qualidade de vida no trabalho e estresse ocupacional da enfermagem em unidade de pronto atendimento. *Rev. Texto Contexto Enferm.*, Florianópolis, v. 28, n. 1, p. 1-14, dez. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/tce/v28/pt_1980265Xtce28e20180298.pdf. Acesso em: 09 de abr. 2020.

WEIGL, M.; SCHNEIDER, A. Associations of work characteristics, employee strain and self-perceived quality of care in Emergency Departments: A cross-sectional study. *J. Int. Emerg. Nurs.*, Canadá, v. 11, n. 1, p. 20-24, jan. 2017. Disponível em: <https://isiarticles.com/>

bundles/Article/pre/pdf/154503.pdf. Acesso em: 05 de abr. 2020.

YUWANICHA, N.; SANDMARKA, H.; AKHAVANA S. Emergency department nurses' experiences of occupational stress: A qualitative study from a public hospital in Bangkok, Thailand. *Rev. Work.*, Suécia, v. 53, n. 4, p. 885-897, out. 2015. Disponível em: <https://content.iospress.com/articles/work/wor2181>. Acesso em: 29 de mar. 2020.